



PSICOSE, LINGUAGEM E LITERALIDADE NA OBRA DE JACQUES LACAN

ADRIANA DE ALBUQUERQUE GOMES

Psicóloga graduada pela UNESP, campus de Bauru. Mestre em Comunicação Social. Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Atualmente cursa Doutorado em Filosofia na Universidade Federal de São Carlos, com pesquisa financiada pela CAPES.

Contato: profag40-psico@yahoo.com

PSICOSE, LINGUAGEM E LITERALIDADE NA OBRA DE JACQUES LACAN

Adriana de Albuquerque Gomes

RESUMO

O artigo discute a importância da psicose na obra de Jacques Lacan, buscando demonstrar como loucura, linguagem e literalidade encontram-se profundamente articuladas no interior da psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: psicose, linguagem, literalidade, psicanálise, Jacques Lacan.

PSYCHOSIS, LANGUAGE AND LITERALNESS IN THE WORK OF JACQUES LACAN

ABSTRACT

In this article it is discussed the importance of psychosis in the work of Jacques Lacan, in order to demonstrate how madness, language and literalness are deeply articulated in the context of psychoanalysis.

KEY-WORDS: psychosis, language, literalness, psychoanalysis, Jacques Lacan.

A LOUCURA DE SER HUMANO

A psicose sempre consistiu em um tema central na obra de Jacques Lacan. Antes mesmo de propor o famoso retorno a Freud no início da década de 50 do século passado, o jovem Dr. Lacan, ainda psiquiatra, dissertou, em sua tese de medicina de 1932, sobre a paranoia. Neste texto, que o introduziu definitivamente no cenário intelectual francês, o autor não apenas argumenta que a personalidade estruturar-se-ia no interior das relações do homem com seus semelhantes, mas, ressalta, principalmente, a importância do modo como o sujeito vivenciaria tais relações e da maneira como ele se sentiria afetado por elas. Em tal contexto, perde completamente o sentido a distinção entre realidade psíquica e realidade sociocultural. Destarte, na interpretação lacaniana, o meio humano só poderia ser, na verdade, o meio construído socialmente. A esse respeito, comenta o jovem psiquiatra que sua concepção de homem se encontrava em oposição veemente à antropologia individualista edificada no século XVIII, da qual Rousseau seria o principal representante.

No entanto, fundamental se faz assinalar que, naquele momento específico de seu percurso intelectual, Lacan tinha como hipótese que os estudos sobre as psicoses discordantes, isto é, aquelas ainda pouco conhecidas pela psiquiatria de então, poderiam lançar uma nova luz sob o processo de constituição psíquica de todo ser humano. Isso porque, do mesmo modo como a compreensão das psicoses não deveria prescindir de uma definição rigorosa dos fenômenos da personalidade, a psiquiatria, ainda que baseada em correlações orgânicas, não poderia escapar da “preocupação sobre o homem”.

É dentro desses parâmetros, portanto, que, quatorze anos após a defesa de sua tese, Lacan (1999), em “Formulações sobre a causalidade psíquica”, confere à loucura um estatuto ontológico. Sob tal perspectiva, o autor defenderá que a loucura concerniria ao próprio ser do homem. No trabalho em questão, Lacan sublinha a existência de um desconhecimento do homem em relação a si próprio, ou seja, ele ressalta que o conhecimento que o homem pensa ter de si não passa de uma grande ilusão, na medida em que o Eu seria limitado, não se confundindo, pois, com o sujeito. Haveria, pois, uma discordância fundamental entre o Eu e o ser. Por conseguinte, segundo o psicanalista francês, o autoconhecimento seria algo impossível de se atingir. Mas não apenas isso. Nessa ordem de considerações, o ponto decisivo é que o desconhecimento de si seria patente na loucura, já que faz parte do quadro clínico da psicose a crença de ser outro, isto é, o doente acredita ser diferente de quem é na realidade empírica. Ele pode ser qualquer um, pode ser Napoleão, pode ser um personagem histórico, o que não significa que esse fenômeno esteja ausente no homem comum. Em síntese, na visão lacaniana, para qualquer ser humano, a

representação de si nunca equivale ao que se é de fato. O homem desconhece a si próprio e isso se deve a uma questão estrutural que não se pode ultrapassar.

Segue-se daí que, de acordo com Lacan (1999, p.187), há uma “loucura pela qual o homem se crê homem”. Só assim pode-se compreender a seguinte afirmação do autor (1999, p. 170): “se um homem que se acredita rei é louco, um rei que se acredita rei não é menos louco”. Com tal exposição, Lacan confere um valor humano à loucura pelo fato de ela ser vivida no registro do sentido. Nesses termos, o alcance metafísico da psicose estaria ligado a sua inseparabilidade em relação ao problema da significação para o ser em geral. Quer dizer, fundamentalmente, para o autor, a loucura estaria vinculada à questão da linguagem, revelando que a cultura e a história fundam a humanidade do humano, na medida em que um sistema semântico constituiria o ser do homem desde sua infância. Nesse contexto, Lacan (1998, p. 167) enfatiza, então, que

A palavra [*mot*] não é signo, mas nó de significação. E se eu disser a palavra “cortina”, por exemplo, isso não é apenas designar por convenção o uso de um objeto, que pode ser diversificado de mil maneiras pelas intenções com que é percebido pelo operário, pelo comerciante, pelo pintor ou pelo psicólogo gestaltista como trabalho, valor de troca, fisionomia colorida ou estrutura espacial. Ela é, por metáfora, uma cortina [*rideau*] de árvores, por trocadilho, o marulhar e o riso da água [*les rides et les ris de l'eau*], e meu amigo Leiris domina melhor que eu essas brincadeiras glossolálicas.

É por isso que, em 1946, a psicologia, na perspectiva da psicanálise lacaniana, deveria ser definida como “domínio do insensato”, ou, em outras palavras, “de tudo aquilo que faz nó no discurso” (LACAN, 1999, p. 166).

PSICOSE E LINGUAGEM

Partindo de uma visão de conjunto da obra de Lacan, não há dúvidas de que, para ele, a linguagem possui uma função humanizadora. É precisamente o que se pode ler no texto de 1953, intitulado “Função da fala e da linguagem em psicanálise”, que marca a adesão de seu autor ao legado freudiano e no qual Lacan (1999) defende a tese de que a realidade humana é a realidade simbólica, já que o mundo das palavras instituiria o mundo do existir humano. Neste artigo, ele sublinha que os símbolos envolvem a vida do homem de uma tal maneira que, antes mesmo de ele vir ao mundo, é como se seu destino já estivesse traçado pelos sujeitos que irão acolhê-lo no início de sua jornada. E isso porque, ao nascer, impossibilitado de subsistir sozinho, o humano é

cuidado. Quer dizer, a princípio, para o bebê humano, só existe a voz passiva (CHAULHUB, 2001, p.19). Ele não fala, mas é falado por outros desde o momento em que se constata sua concepção. Seu nome é escolhido, seu sobrenome já está determinado em função da família de que fará parte e sua língua já está dada em seu meio cultural, sem que haja possibilidade alguma de escolha.

Por essa razão, Lacan não só postula a exterioridade do simbólico em relação ao homem, como também sua sujeição ao campo do Outro. O movimento do desejo procede, então, da articulação do sujeito com o Outro e do Outro com o sujeito, razão porque o lugar do Outro se encontra como único possível da verdade. Assim sendo, a própria linguagem será um efeito do lugar do Outro e todo humano que discursar estará se deslocando na metáfora (ANDRÈS, 1996, p.387).

Ora, no seminário sobre as psicoses, proferido de novembro de 1955 a julho de 1956, Lacan (2008) afirma que o sujeito desejante se constitui em torno do outro, o qual lhe dá sua unidade e lhe possibilita o acesso aos objetos do mundo. Isso explica porque o objeto de desejo do homem é sempre o objeto do desejo do outro. O simbólico, segundo o autor, exerce, pois, uma influência perturbadora nas relações inter-humanas. Nesta etapa de sua produção teórica, Lacan (2008, p. 48) questiona, então: “O que é a fala”? Ora, o autor responde que, em primeiro lugar, “falar é antes de mais nada falar a outros”, ideia que já havia sido trabalhada por Lacan (1999) em 1953, quando afirma que o que o ser humano busca na fala é sempre a resposta dos semelhantes.

Todavia, Lacan sublinha que todo emissor é simultaneamente receptor, já que ouve o som de suas próprias palavras. Mas o que a psicanálise lacaniana demonstra, acima de tudo, é que toda significação sempre remete a uma outra significação e que há uma parte do sujeito que fala e sobre a qual ele não pode exercer domínio absoluto. Tal parte é o que a psicanálise denomina como inconsciente, ou seja, o inconsciente é algo que fala além do sujeito, que o ultrapassa, fenômeno que se torna nítido nos atos falhos, por exemplo. Assim, Lacan (2008, p. 54) esclarece que “nas psicoses é isso que fala” e que é clássico dizer que, nesse quadro psicopatológico, o inconsciente está à superfície, permanece excluído para o sujeito, ou seja, o sujeito psicótico ignora a língua que fala. O que demonstra, então, a alucinação? Que aquilo que foi recusado na ordem simbólica reaparece no real. Ou seja, no discurso alucinatório, é o sujeito do inconsciente que se expressa. Nesse contexto, do registro da fala torna-se possível depreender os principais aspectos ligados à manifestação da psicose. A título de exemplo, Lacan menciona a alucinação verbal como um dos “fenômenos mais problemáticos da fala” (*Ibid.*, p. 48).

Por outro lado, o texto do delírio comporta uma verdade não recalcada, mas totalmente explicitada. No nível do significante, o delírio se distingue da linguagem comum pela profusão dos neologismos. Logo, quando a significação não remete a mais nada, diz Lacan (*Ibid.*, p. 45), o que

resta é a “fórmula que se repete, que se reitera, que se repisa com uma insistência estereotipada”. Trata-se, pois, do ritornelo, que se opõe à palavra. Em 1953, o psicanalista francês já comenta que, se na loucura, a formação do delírio “objetiva o sujeito em uma linguagem sem dialética”, as estereotípias que se manifestam no discurso constituirão a prova de que o sujeito “é mais falado do que fala”. Assim, de acordo com o autor, nas psicoses, seria possível reconhecer os símbolos do inconsciente “sob formas petrificadas” (LACAN, 1998, p. 281).

Assim, se na tese de medicina, Lacan vê na loucura um fenômeno do pensamento, no seminário sobre as psicoses, ele explica que, no momento em que Freud admite a existência de um pensamento inconsciente, com o termo “pensamento”, ele quer dizer que o inconsciente se articula a uma linguagem, ou seja, Freud revela que há um monólogo interior em continuidade com o diálogo exterior e que, por isso, torna-se possível afirmar que o inconsciente consiste no discurso do outro. A psicose, portanto, só faz evidenciar esse monólogo, daí seu interesse para a psicanálise. Mas como captar, pela via da ciência, esse discurso do outro que é o inconsciente?

De início, diz Lacan (1999) em 1953, que, quando se trata do método psicanalítico, há que se ressaltar que seus meios são os da fala e que seu campo é o do discurso concreto, onde se verifica o campo da realidade transindividual do sujeito, isto é, dos símbolos que o fizeram ser aquilo que é. Nos anos 50, na visão lacaniana, o importante para a técnica psicanalítica seria a extração de efeitos de sentido da fala do sujeito. Pela fala, poder-se-ia atingir a verdade de seu enunciador. Em “Formulações sobre a causalidade psíquica”, Lacan (1999) revela que, em sua tese de doutorado, ele já procurava situar a psicose em suas relações com a totalidade da biografia do doente, de modo a viabilizar a decifração de seu delírio.

Pois bem, rastreando de forma mais acurada os passos do itinerário lacaniano, é possível verificar que, no texto publicado em 1955, intitulado “Variantes do tratamento padrão”, seu autor afirma que

O analista terá muito a tomar da pesquisa linguística em seus desenvolvimentos modernos mais concretos, para esclarecer os difíceis problemas que lhe são postos pela verbalização em suas abordagens técnica e doutrinal. No entanto, podemos reconhecer, da maneira mais inesperada, na elaboração dos fenômenos mais originais do inconsciente, sonhos e sintomas, as figuras mesmas da retórica obsoleta, que mostram destinadas a fornecer as mais finas especificações (LACAN, 1999, p. 360).

Mas eis que, em “Lituraterra”, texto de 1971, Lacan (2003) enuncia que a psicanálise poderia extrair algo da literatura se fizesse dela uma ideia menos psicobiográfica. Não se tratava mais, diz o autor, de simplesmente evocar Dostoiévski, como fazia Freud, mas, sim, de evidenciar

a articulação entre letra e inconsciente, sem, contudo, fazer da letra um significante ou atribuir-lhe uma primazia perante o mesmo. A partir daí, Lacan continua a apresentar o sujeito dividido pela linguagem, mas ressalta, porém, que um dos seus registros obteria satisfação pela via da escrita e o outro pela via da fala. Nessa direção, comenta Lacan (*Ibid.*, p.20): “Não há de causar surpresa verem-me proceder nisso por uma demonstração literária, já que isso é marchar no passo em que a questão se produz”. O que se esboça aqui é, portanto, uma mudança de foco, ou seja, se antes a linguística era tomada como referência, agora o olhar volta-se para a literatura. N’O seminário, livro XX, que registra aulas ministradas entre 1972-1973, diz Lacan (1985, p. 145): “eu me alinho mais do lado do barroco”.

Destarte, resta, pois, compreender porque Lacan passou a privilegiar, na última década de seu ensino, o recurso à literalidade como maneira mais adequada para expressar o inconsciente, o qual, na psicose, encontra-se exposto de modo tão manifesto. Cabe, então, a seguinte questão: o que faz Lacan passar do registro do sentido para o plano do *non-sense*? É o que tratará o tópico adiante.

LITERALIDADE E INCONSCIENTE

Quando deu início a seus seminários na década de 50, Lacan sempre foi considerado por muitos comentadores como estruturalista e isso, principalmente, em virtude de suas relações com figuras-chave do estruturalismo antropológico e linguístico, tais como Claude Lévi-Strauss e Roman Jakobson, com quem estabeleceu vários intercâmbios teóricos. Ora, é essa vinculação ao movimento estruturalista que Lacan vai questionar em seus textos da maturidade. Assim, em “Radiofonia”, ele interroga: “Terei eu dado vida à estrutura” (LACAN, 2003, p. 407)? Ao que ele responde: “O inconsciente pode ser, como disse, a condição da linguística. Esta, no entanto, não tem sobre ele a menor influência” (*Id.*, *Ibid.*).

É compreensível, então, que, na aula ministrada em 19 dezembro de 1972, na qual presta uma homenagem a Roman Jakobson, Lacan (1985, p. 25) declara: “um dia percebi que era difícil não entrar na linguística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto”. A isso, ele acrescenta adiante: “meu dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da linguística”.

As considerações de Milner (1996) são importantes para a explicitação dessa mudança de ponto de vista verificada em Lacan. Primeiramente, Milner (*Ibid.*, p. 8) argumenta que há pensamento em Lacan, isto é, “algo cuja existência se impõe a quem não o pensou”, o que, segundo o autor, corresponde a dizer que, no conjunto de trabalhos atribuídos a Lacan, existem

proposições. A questão é que tais proposições vão se transformando ao longo do desenvolvimento da obra lacaniana, o que leva Milner a sugerir sua escansão em três períodos distintos, a saber, primeiro, segundo e terceiro classicismos. É no primeiro classicismo, cuja referência são os textos publicados nos *Escritos*, que encontramos um Lacan dedicado à reflexão acerca da linguagem e da estrutura. Todavia, o resultado da meditação de Lacan consiste, segundo Milner, em uma antilinguística, na medida em que a psicanálise, tal como ele a formula, não se ajustaria às concepções correntes no campo da linguística estrutural. Em outro trabalho, Milner (2010) afirma que, aos olhos de Lacan, a ciência linguística não apreenderia o essencial do fenômeno da linguagem. Nesse sentido, a linguística estrutural seria apenas uma disciplina importante a partir da qual Lacan pôde ir além. Um bom exemplo seria a modificação profunda operada por Lacan no termo *significante* de Saussure.

Logo, considerando as mudanças no pensamento de Lacan, Zizek (2004, p.39) demarca três fases de um movimento reflexivo: da automeiação universal-hegeliana na totalidade do simbólico, passa-se à noção kantiana de coisa transcendental que resiste a essa mediação e, por fim, em uma virada adicional, transpõe-se a lacuna que separa todos os traços significativos da alteridade para a imanência em si, como seu corte inerente. O “último” Lacan é denominado, por Zizek, de “Lacan além da castração”. Por conseguinte, Zizek demonstra que há um momento em que o psicanalista francês opera uma mudança radical em seu modo de conceber a relação do sujeito com a linguagem. Em consonância com esse autor, pode-se afirmar, então, que, a partir de 1970, Lacan foca sua atenção na noção de letra, isto é, no *significante* desprovido de sentido. Em outras palavras, a letra consiste no *significante* em seu estado puro, formal, desvinculado de qualquer sentido, mas capaz de produzir os mais belos efeitos poéticos. Trata-se, pois, da matéria prima da arte literária. É nesse momento, então, que Lacan reconhece que o *significante* é uma dimensão que foi introduzida pela linguística, ao passo que, no que concerne ao discurso analítico, o inconsciente é aquilo que se lê, já que a escrita pertence ao um registro distinto ao do *significante*. Ao psicanalista, cabe, a partir de agora, ler literalmente “o quê, num discurso, se produz por efeito da escrita” (LACAN, 1985, p. 47). O significado, explica o autor, está relacionado à leitura do que se ouve de *significante*.

Logo, se na década de 50 do século XX, Lacan enfatiza a importância da cadeia de *significantes*, duas décadas depois ele efetua uma mudança conceitual, na medida em que passa a ressaltar uma nova dimensão da linguagem, um discurso sem palavras, que trouxe a importância do saber como articulação formal (NOGUEIRA, 1999). No que diz respeito à técnica analítica, em “O aturdido”, texto de 1972, Lacan (2003) esclarece que a referência pela qual ele situa o inconsciente é aquela que escapa à linguística, por captar uma dimensão outra, divergente do senso comum e a qual, pode-se acrescentar, a literatura mostra-se sensível. Essa dimensão

outra é a da lalíngua, termo criado por Lacan para se distanciar dos conceitos tradicionais elaborados pelos autores que colaboraram para a instituição de um campo científico específico, a saber, o campo da ciência da linguagem. A lalíngua, afirma Lacan (1985, p. 188), “serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação”. Ela “nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos”, ou, dito de outro modo, “a linguagem não é somente comunicação” (*Ibid.*, p. 190).

Nessa nova fase de teorização, a escuta analítica não se dirige mais ao sentido, mas volta-se principalmente para a homofonia, para os equívocos, para o que Lacan chama de semblante de comunicação. Em síntese, o analista vai privilegiar tudo aquilo que, até ali, era desqualificado pelos outros discursos. Trata-se de buscar, conseqüentemente, o que há de *non-sense*, de absurdo no plano enunciação. Nesse sentido, a fala de um psicótico será tão válida quanto à de um sujeito comum e isso por revelar uma verdade encontrada no inconsciente. Uma verdade que não terá nenhuma relação com o plano da referência, da realidade empírica, factual, mas, sim, com um dizer, com uma ficção articulada ao plano do desejo. A psicanálise lacaniana torna-se, então, uma linguística, ciência da lalíngua, e seu proponente inaugura um novo estilo de teorização do inconsciente. O que cabe ao analista é ler a letra, captar o que há de literal na fala do sujeito. Dessa maneira, ao invés do conceito, do símbolo, tem-se a luz projetada no aspecto formal da linguagem, na literalidade. Assim, no contexto que se configura, ele afirma: “O sentido, se existe um a ser encontrado, poderia vir-me de um outro tempo: empenho-me nisso – sempre em vão” (LACAN, 2003, p. 478).

O alcance dessas considerações é interpretado por Soulez (2003) como um modo próprio de transmissão da psicanálise inaugurado por Lacan. Sob tal perspectiva, para Soulez, Lacan precisou forjar uma língua apropriada a seus objetos sem entrar no gongorismo poético gratuito. Se seu estilo costuma ser julgado por muitos como obscuro, é porque essa obscuridade responde a uma necessidade interna da própria teoria, impondo-se ainda mais na medida em que o objeto resista à clarificação e desafie o método que usualmente se utiliza para sua apreensão. Em Lacan, afirma a autora, habita o desejo de transformar a psicanálise em uma ciência do sujeito que não se reduza à “literatura”. Em última análise, para capturar e apresentar o enigma do inconsciente, só haveria a alternativa de expressá-lo de modo enigmático, ou, melhor, poético. Nessa mesma linha de pensamento, Haroldo de Campos traduz um trecho do texto “La stratégie du langage” escrito por Catherine Backés-Clément a respeito da relação entre psicanálise e literatura. Ali, diz a autora:

[...] o estilo, definido por Lacan, se situa de partida fora da situação literária, ou antes, ele é o correlato necessário daquilo que, em Lacan se chama LETRA, e

regenera o significante literatura, que vem de Belas-Letras. O estilo, formação revolucionária no plano da linguagem, é o que, no pensamento de Lacan, torna possível um ultrapassar da literatura em proveito da literalidade [...] (BACKÉS-CLÉMENT, 1971 apud CAMPOS, 2001, p. 177).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como bem esclarece Grollier (2007), a aplicação do método clínico à loucura pela medicina colocou em pauta a questão da ruptura ou da continuidade entre o homem comum e o psicótico, entre o normal e o patológico. À psicanálise coube renovar esse debate, na medida em que torna explícito o fato de que a loucura se encontra no âmago da própria humanidade. Quer dizer, pela consideração dos quadros de psicose, a psicopatologia psicanalítica permitiu elucidar a organização do mundo humano por meio da linguagem. Assim, visto que o psicótico consiste no ser que não se submete às leis da linguagem para produzir uma forma de discurso capaz de sustentar o laço social, ele torna-se, por conseguinte, o paradigma da total liberdade no interior da linguagem. Na psicanálise, argumenta-se, pois, que a via da humanização é a da linguagem, já que é ela que “torna presente a nosso mundo um sujeito que se inscreve no interior de um laço social” (GROLLIER, 2007, p. 170).

É desse ponto de vista, portanto, que, em “Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise”, a ênfase de Lacan (1998, p. 323) recai na importância do manejo da função poética da linguagem no interior da experiência psicanalítica, dado ao fato de Freud ter possibilitado a descoberta das incidências do simbólico na ordem humana. Em última instância, nesse texto, o autor sustenta de modo radical que é através do “dom da fala” que a realidade chega ao homem. Logo, dentro de tais parâmetros, a psicose, na ótica lacaniana, demonstra a tese fundamental de que o inconsciente está estruturado como uma linguagem. A “comunicação” do alienado, defende Lacan em “Formulações sobre a causalidade psíquica”, ocorre pela via de uma singularidade tal, em que sobressaem as modalidades mais originais da linguagem, como as alusões verbais, os jogos de homonímia e os trocadilhos.

Ora, tomando as funções da linguagem propostas por Jakobson (1971) em “Linguística e poética”, é possível afirmar, então, que, na psicose, praticamente reinaria a função poética, na medida em que essa função não se reduz à poesia. Jakobson é bastante claro quanto a isso, propondo, inclusive, que o estudo linguístico da função poética extrapole os limites da poesia. Tal aproximação não significa, pois, que o psicótico seja um poeta, mas apenas que os recursos linguísticos manejados pela arte literária consistem, curiosamente, em parte integrante de um quadro clínico que se caracteriza justamente pelas distorções na linguagem. Na psicose, a

linguagem vale por si mesma, não se reportando à comunicação. Mas, para o sujeito que se submeteu às leis da linguagem, as distorções que proliferam nos quadros psicóticos podem ser captadas apenas quando o recalcado retorna e explicita a verdade de seu desejo. É por isso, então, que ele pode se sustentar em uma determinada comunidade linguística, acomodando-se a suas regras. Seja como for, tanto na psicose quanto na neurose do homem comum, o inconsciente se expressa e cabe ao analista encontrar um modo de captar e de transmitir essa forma “poética” de manifestação.

De modo mais amplo, pode-se dizer que, na obra de Lacan, a psicose consiste na referência inicial para a reflexão do que faz um homem se tornar humano e que, posteriormente, é a partir dela que o autor irá conceber o método e a técnica analítica de uma nova perspectiva na década de 70 do século passado. Logo, se no princípio de sua trajetória intelectual Lacan argumenta que o símbolo constrói a realidade humana, a psicose vem atestar o que ocorre ao sujeito quando o simbólico é rejeitado como tal. O psicótico é, pois, aquele que apresenta uma falha de simbolização, por isso, sua relação com a linguagem é tal que a palavra torna-se objeto, é tomada em sua literalidade, em seu aspecto puramente material. A psicose explicita que o significante nada significa e, por isso, pode significar qualquer coisa. O significante é vazio. É neste ponto, então, que literatura, psicose e técnica analítica se encontram. Todavia, se a literatura e a psicanálise se apoiam nesse vazio que possibilita a criação de múltiplas significações, o psicótico não.

REFERÊNCIAS

- ANDRÈS, M. O Outro. In: KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p. 385-7.
- CAMPOS, H. O afreudisíaco Lacan na galáxia da língua. In: CESAROTTO, O. (Org.). **Idéias de Lacan**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001. p. 175-195.
- CHAULHUB, S. O inconsciente é o discurso do Outro. In: CESAROTTO, O. (Org.). **Idéias de Lacan**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001. p. 17-22.
- GROLLIER, M. Apport du retour à la structure pour une clinique différentielle. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 2, p. 167-178, 2007.
- JAKOBSON, R. Linguística e poética. In: _____. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- LACAN, J. **De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité**. Paris: Éditions du Seuil, 1980.

_____. **O seminário, livro XX**: mais, ainda. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. Formulações sobre a causalidade psíquica. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. p. 152-194.

_____. Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. In: _____. **Écrits I**. Nouvelle édition en poche. Texte integral. Paris: Éditions du Seuil, 1999. p. 264-321.

_____. Propos sur la causalité psychique. In: _____. **Écrits I**. Nouvelle édition en poche. Texte integral. Paris: Éditions du Seuil, 1999. p. 150-192.

_____. Variantes de la cure-type. In: _____. **Écrits I**. Nouvelle édition en poche. Texte integral. Paris: Éditions du Seuil, 1999. p. 322-361.

_____. Lituraterra. In: _____. **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 15-25.

_____. O aturdido. In: _____. **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 15-25.

_____. Radiofonia. In: _____. **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 449-497.

_____. **O seminário, livro III**: as psicoses. Tradução de Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. **O seminário, livro I**: os escritos técnicos de Freud. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

MILLER, J.-A. **Matemas I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MILNER, J. C. **A obra clara**: Lacan, a ciência, a filosofia. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____. Linguística e psicanálise. **Revista Estudos Lacanianos**, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, 2010.

NOGUEIRA, L. C. O campo laciano: desejo e gozo. **Psicologia USP**, São Paulo, v.10, n.2, p.93-100, 1999.

SOULEZ, A. O nó no quadro ou O estilo de/em Lacan. In: SAFATLE, Vladimir (Org.). **Um limite tenso**: Lacan entre a filosofia e a psicanálise. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p. 255-276.

ZIZEK, S. Le devenir-lacanian de Deleuze. In: IANNINI, G. et al. (Orgs.). **O tempo, o objeto e o avesso**: ensaios de filosofia e psicanálise. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 17-40.